



## **PESQUISA-AÇÃO EM EDUCAÇÃO: CADERNO DE CAMPO E DEVOLUTIVA COMO POSSIBILIDADES DE PARTICIPAÇÃO**

DOI: 10.56579/eduinterpe.v1i2.1960

**Gabriel de Souza<sup>1</sup>; Ruan Carlos Sansone<sup>2</sup>; Valter Marciano dos Santos Chereta<sup>3</sup>; Dinora  
Tereza Zucchetti<sup>4</sup>;**

<sup>1</sup> Mestrando em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale. Licenciado em História e Pedagogia. Professor da Educação Básica. E-mail: gsouza1596@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestrando em Diversidade Cultural e Inclusão Social, Pedagogo, Psicopedagogo Orientador Educacional. Pedagogo do Núcleo de Atenção ao Estudante (NAE) na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: sansoneruancarlos@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestrando em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Licenciado em Pedagogia. Educador Social. E-mail: valterchereta@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutora em Educação pela UFRGS. Professora do PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social. E-mail: dinora@feevale.br

**Resumo:** Este estudo discute a participação na pesquisa-ação, uma metodologia que busca a transformação social por meio da participação ativa dos envolvidos. A pesquisa, de caráter qualitativo, analisou a utilização de instrumentos como o caderno de campo e as devolutivas em projetos de extensão universitária. Os resultados indicam que a dialogicidade é fundamental na pesquisa-ação, promovendo a participação cidadã e a construção coletiva do conhecimento. O caderno de campo e as devolutivas, quando elaborados de forma colaborativa, possibilitam a valorização dos saberes locais e a autonomia dos participantes. No entanto, o estudo também aponta para os desafios da comunicação na pesquisa-ação, como a necessidade de superar limites impostos pela censura e pelo controle. Conclui-se que a participação, quando baseada em princípios democráticos e na dialogicidade, tem o potencial de transformar a pesquisa em um processo radicalmente engajado, promovendo a auto-organização das comunidades e a construção de saberes compartilhados.

**Palavras-chave:** Extensão Universitária; Participação Cidadã; Pesquisa Participante.

### **INTRODUÇÃO**

A pesquisa-ação é uma metodologia de investigação que se caracteriza pelo aporte teórico crítico e interdisciplinar. Essa forma de pesquisar orienta-se por processos de atuação direta dos participantes da/na pesquisa, que superam as posições de objetos de pesquisa e tornam-se coautores do conhecimento. Nesse contexto, a comunicação desempenha uma função fundamental, na elaboração de investigações sociais engajadas, participativas e orientadas por princípios democráticos.

Trata-se de uma corrente de teoria-práxis que, historicamente, discute a Educação Popular no contexto da América Latina. Há, ainda, possibilidade de aproximação com os esforços em Ciência Aberta, não só na dimensão de comunicação científica como na divulgação de resultados, mas também nas formas de pensar e fazer ciência.

O objetivo central deste resumo é discutir a participação na pesquisa-ação. Busca-se, especificamente, problematizar os limites e possibilidades de dois instrumentos de pesquisa - caderno de campo e devolutivas - na construção, participação e publicização do estudo. Metodologicamente,



parte-se da revisão narrativa da literatura e da pesquisa social empírica no contexto da extensão universitária.

Inicialmente, indica-se os procedimentos metodológicos utilizados. Na segunda seção trata-se da discussão teórico-prática das possibilidades de participação na pesquisa-ação. E, ao final, resumam-se os achados em torno do caderno de campo e da devolutiva como instrumentos abertos à participação dos interagentes na pesquisa social.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma investigação de caráter básico, qualitativa, de ordem exploratória. Utiliza-se da revisão narrativa da literatura acerca da pesquisa-ação, bem como da pesquisa participante com atenção a produção de autoria radicada na América Latina no campo das Ciências Sociais e Humanas.

A análise é baseada na dinâmica das discussões teóricas somada às experiências empíricas em dois projetos de extensão universitária na área de Direitos Humanos. Pela atuação nos projetos por meio da observação-participante, verificam-se acontecimentos que possibilitam dar visibilidade a participação ativa dos sujeitos da pesquisa.

Portanto, dedica-se a discussão de métodos de pesquisa social qualitativas desde a lógica de . Tal forma de pesquisa possibilita diminuir a distância entre conhecimento acadêmico e conhecimento popular, permitindo a elaboração coparticipativa de saberes comunitários.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como um método oriundo da pesquisa social, a pesquisa-ação vem se desenvolvendo em a partir de diferentes disciplinas, em pesquisas interdisciplinares e com abordagens transdisciplinares. A principal prerrogativa é que nesse método a pesquisa produza um conhecimento coletivo e que tal produção se conecte a um processo de transformação social (Thiollent, 2011, 2022). Nas palavras de Thiollent (2022, p. 106) “trata-se de conhecer para agir, de agir para transformar [...]”.

Nesse sentido, a investigação requer um período de desenvolvimento, uma vez que a interação entre o pesquisador e os participantes precisa se consolidar em um processo mútuo de trocas. Esse processo é compreendido de forma dialógica, pois, como destaca Freire (2002, p. 79), “[...] a conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro”. Fundamentada em uma educação popular e libertadora, essa abordagem sustenta um processo educativo crítico que promove a troca de conhecimento e permite constituir um espaço de construção e produção do conhecimento (Freire, 1996).



A dialogicidade, enquanto prática libertadora, é a base de uma educação verdadeiramente democrática, pois transforma a relação entre os sujeitos no processo educativo. Conforme Freire (2007, p. 60), “A dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos”.

O diálogo, ao favorecer a escuta ativa e a compreensão do outro, não apenas possibilita a construção compartilhada do conhecimento, mas também viabiliza experiências de solidariedade, respeito às diferenças, assumindo uma dimensão ética, na medida em que rompe com práticas hierárquicas, promovendo a autonomia e a emancipação dos sujeitos. Assim, como Brandão (2006, p. 36) destaca a conexão da pesquisa participante com a atuação em “[...] educação popular realizados junto com e a serviço de comunidades, grupos e movimentos populares. É do constante diálogo não doutrinário de parte a parte que um consenso sempre dinâmico e modificável deve ir sendo também construído”.

No caminho da ética freiriana, para Brandão (2006, p. 25) a pesquisa participante se caracteriza “[...] como uma alternativa solidária de criação de conhecimento social, ela se inscreve e participa de processos relevantes de uma ação social transformadora de vocação popular e emancipatória”. Trata-se de uma construção de conhecimento elaborada na interação, investigação e ação nas dinâmicas relacionais. Nesse sentido, reconhecer a contribuição dos participantes no conhecer e agir é fundamental (Brandão, 2006).

O autor entende que essa modalidade de pesquisa social participante “Sendo mais ativa e mais participativa, a investigação social deveria fazer-se mais sensível a ouvir as vozes dos destinatários pessoas ou coletivos dos programas de ação social” (Brandão, 2006, p. 19). Além disso, considera-se fundamental na pesquisa-ação que o beneficiário, na perspectiva acrítica da extensão, tome contorno como atuante crítico no processo de pesquisa participante (Brandão, 2006).

O pesquisador nesse contexto se posiciona como aprendiz que escuta os agentes sociais no campo de investigação, e passa a desenvolver estratégias que tornem os envolvidos, colaboradores e participantes do processo (Thiollent, 2022). Se estabelece uma intercomunicação entre pesquisador e participantes, no sentido de superar a posição sujeito-objeto e passar a produzir uma relação sujeito-sujeito (Brandão, 2006).

Conforme Thiollent (2022), a pesquisa-ação é uma estratégia que envolve métodos e técnicas variadas, com os quais o pesquisador social trabalha dialogicamente com um coletivo que participa na produção dos resultados. Dessa forma, privilegia-se a constituição de pesquisas no interior da



extensão universitária para discutir formas de participação e seus limites e possibilidades. A exemplo do diário de campo, instrumento empregado na experiência etnográfica, e das devolutivas, estratégias de informação contínua dos participantes do processo, como ferramentas promotoras da participação na pesquisa-ação.

Trata-se de considerar a interatividade desses instrumentos como disparadores da participação direta e indireta na investigação, em especial nas etapas que antecedem a formalização da ação educacional. Tal proposta é justificada pela diversidade de procedimentos e técnicas em pesquisa participante, apontada por Brandão (2006), empreendidos de forma crítica e criativa.

Acerca do caderno de campo propõe-se realizar sessões de leitura individuais e coletivas com os participantes. A intenção dessa prática permite validar os dados coletados pelo pesquisador e, igualmente, coletar percepções dissidentes ou consensuais acerca do observado, abrindo espaço para incorporar outros pontos de vistas e, dialogicamente, produzir sentido sobre a realidade problematizada. A partir dessa prática, pode-se levantar novas demandas comunitárias e ainda compor novos objetivos à ação extensionista.

Brandão nos apresenta uma discussão crítica sobre a prerrogativa emancipatória das pesquisas participantes, bem como uma oportuna reflexão acerca dos desafios da participação:

Devo confiar nele [participante], [...] na qualidade de meu interlocutor, aquele que no dizer de si mesmo desenha para mim os cenários de vida e destino que pretendo conhecer e interpretar. Mas devo ir além, pois devo criar com ele e em seu nome (bem mais do que no meu próprio) um contexto de trabalho a ser partilhado em pleno sentido, como processo de construção do saber e como produto de saber conhecido e posto em prática através de ações sociais de que ele é (ou deveria ser) o protagonista e, eu sou (ou deveria ser) o ator coadjuvante (Brandão, 2006, p. 46).

Tais proposições, além de contribuírem para a popularização das ciências e ampliam as discussões recentes no Brasil acerca da Ciência Aberta, isto é uma prática em pesquisa científica que seja orientada à abertura e transparência dos resultados para a sociedade. A constituição da pesquisa-ação que se volta à participação provoca a reflexão ética acerca da autoria acadêmica.

A segunda ferramenta que se destaca é a constituição da devolutiva sob uma dinâmica dialógica. Tal condição à devolutiva garante que o diálogo seja estabelecido de forma mútua, na situação em que o conhecimento acumulado pelo pesquisador não é somente partilhado ou posto à prova, mas é construído de forma dinâmica e colaborativa. Essa dinâmica compartilhada opera na medida que os participantes estão profundamente conectados à realidade, e a partir de sua relação com outros sujeitos e a estrutura social, reorientam a teoria-práxis empenhada na pesquisa-ação.



Outra possibilidade a ser explorada é incorporar os instrumentos de caderno de campo e devolutiva como parte sistemática da construção de conhecimento colaborativo dos participantes. Nesse sentido, após uma discussão acerca das funções das ferramentas, os sujeitos da pesquisa constituíram um registro individual a ser partilhado em reuniões no formato de assembleia ou seminário, mapeando assim as redes de sentidos do coletivo.

Dessa forma, verifica-se que os as diferentes formas de participação na pesquisa social são centrais no desenvolvimento da pesquisa-ação, já que quando orientada por uma perspectiva dialógica estabelecem caminhos à comunicação comunitária e à participação cidadã. Dessa forma, o caderno de campo e as devolutivas se constituem como instrumentos na pesquisa-ação que colaboram com a atuação dos participantes e do pesquisador na produção do conhecimento e da inovação social no contexto comunitário. Considerando que, a elaboração desses instrumentos é, geralmente, realizada por pesquisadores acadêmicos, a incorporação da dialogicidade se inscreve na interação e compreensão das problemáticas na perspectiva de quem as experiencia.

Por fim, a participação direta reivindica a posição dos sujeitos como agentes que compreendem as necessidades, as possibilidades e os impasses dos problemas sociais levantados. E, portanto, os participantes são capazes de ler, interpretar e propor intervenções sob as dinâmicas do real, na qual os pesquisadores extensionistas passam a se inserir. No entanto, há de se atentar aos limites, mais ou menos involuntários, impostos pela censura, controle, dogmatização entre outros, dos processos que envolvem a abertura do diário de campo e as entregas das devolutivas como formas colaborativas de fazer pesquisa-ação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entende-se, no contexto da extensão universitária, que a comunicação apresenta o potencial não apenas de mobilização dos agentes sociais envolvidos, mas também torna a produção de saberes radicalmente participativa e dialógica. Nessa lógica, a pesquisa-ação, em sua dimensão engajada e participante, possibilita autonomia e transformação social quando orientada pelos princípios democráticos, pela participação ativa em todos os processos de desenvolvimento, pela escuta e acolhida, pela valorização dos saberes locais, pela crítica na comunicação dos conhecimentos produzidos e pelo valor coletivo da intervenção na pesquisa-ação.

Os resultados indicam que a dialogicidade é um elemento essencial na pesquisa-ação, pois promove a participação cidadã e a construção coletiva do conhecimento. Além disso, o diálogo tem sido trabalhado pedagogicamente como uma prática a ser aprendida, enfatizando a importância de



desenvolver a habilidade de dialogar com o outro, o que implica uma escuta atenta e respeitosa. No qual o diálogo assume um papel importante no convívio social, não apenas como um instrumento de comunicação, mas como uma prática com dimensão ética e democrática, essencial para a construção de relações mais justas e inclusivas.

Conclui-se no estudo em questão, que a participação provoca os participantes a colaborarem como autores que explicam os fenômenos sociais que vivem, promovendo a auto-organização de uma comunidade em torno de saberes e práticas compartilhadas. A partir dessas experiências abre-se caminho para produzir uma extensão universitária que reconhece na atuação dos sujeitos uma forma de emancipação produtora de uma vida mais digna.

## **REFERÊNCIAS**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação na pesquisa. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (org.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

THIOLLENT, Michel. Action Research and Participatory Research: An Overview. **International Journal of Action Research**, Augsburg, v. 7, n. 2, p. 160-174, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2022.